



A questão do gênero na agricultura urbana de base agroecológica: Um estudo de caso

The issue of gender in urban agriculture agroecology: A case study

PENEDO, Isabela¹; CALBINO, Daniel²

1.UFSJ, isabela-penedo@hotmail.com; 2.UFSJ, dcalbino@ufsj.edu.br

Resumo: Com o intuito de discutir o gênero na agricultura urbana, o presente trabalho empírico, baseado no método de estudo de caso, teve por objetivo apresentar as conquistas e desafios das mulheres produtoras das hortas comunitárias do município de Sete Lagoas. Observou-se avanços, seja pelos os espaços que passaram a ocupar, seja pela percepção que adquiriram sobre o sentido do trabalho feminino. No entanto, o próprio trabalho mostrou que ainda muito tem que ser discutido, porque a desigualdade velada neste contexto peri-urbano, é manifestada inclusive pelas distinções de rendas e excesso de trabalhos presentes nas produtoras das hortas comunitárias.

Palavras-chave: Agroecologia; Contexto Peri-urbano; Hortas Comunitárias.

Abstract: In order to discuss gender in urban agriculture, this empirical work based on the case study method, aimed at presenting the achievements and challenges of women producers of community gardens of Sete Lagoas municipality. There was progress, either by the spaces that came to occupy, and by the perception that acquired the meaning of women's work. However, this work showed that he still had much to be discussed, because the veiled inequality in this context, is manifested even by the distinctions of income and excess current work in the production of community gardens.

Keywords: Agroecology; Peri-urban context; Community Gardens.

Introdução

Nos últimos anos, emergiu uma discussão do tema sobre a nova realidade do meio urbano e rural. Neste cenário, observam-se aspectos diferentes dos tradicionais modos rurais que a literatura sociológica caracterizava no passado. A orientação sociológica antigamente estava fundamentada na percepção que o espaço rural, era um lugar exclusivamente para a pecuária e agricultura, como uma ideia inflexível de uma interface entre o rural agrícola (DEL GROSSI; GRAZIANO, 2002).

Porém, a mudança geoespacial começa apontar para novos elementos que permitem transformações da realidade rural, sejam nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais. É neste ambiente que Doula (2010) enfatiza a importância e necessidade das atividades de extensão rural acompanhar a realidade do neo-rural, caracterizados por setores peri-urbanos e pela emergência da agricultura urbana.



No entanto, a emergência dessa nova realidade social, não tem sido acompanhada de maneira profunda pela discussão do gênero. A ausência da realidade sócio histórica das mulheres do meio rural, bem como os demais setores, é marcada por uma exclusão social que reflete por grandes desigualdades econômicas em comparação à realidade masculina. Isso é observado não só nos indicadores de renda, de participação na força de trabalho, como também nos acessos a benefícios sociais, créditos e assistência técnica (FIÚZA, et al., 2009), o que mostra a importância da discussão do gênero.

Com base neste contexto, o presente trabalho propõe-se discutir enquanto estudo de caso, a questão do gênero nas hortas comunitárias do município de Sete Lagoas-MG. A relevância do estudo se justifica, porque o município exerce um importante papel no desenvolvimento da agricultura urbana. Sete Lagoas é considerada referência no contexto da agricultura urbana de base agroecológica, por possuir sete hortas comunitárias que servem como fonte de produção de alimentos orgânicos, e melhorias nas rendas de 350 famílias envolvidas.

Metodologia

Enquanto recurso metodológico, o trabalho caracterizou-se por um estudo de caso, justificado pela singularidade que as hortas comunitárias apresentam enquanto exponencial para agricultura urbana e discussão do gênero no município analisado. Para coleta de dados, utilizou-se da investigação da literatura acerca do tema, bem como do uso de pesquisas documentais em acervos da Prefeitura Municipal de Sete Lagoas e da Universidade Federal de São João Del Rei, órgãos estes que trabalham diretamente com as hortas comunitárias. Recorreu-se ainda ao uso de entrevistas semi-estruturadas com oito mulheres produtoras de uma das hortas comunitárias, no período de novembro a dezembro de 2014, a qual as análises a seguir remetem as interpretações das falas dos sujeitos.

Resultados e discussões

Uma breve retomada histórica das hortas comunitárias em Sete Lagoas –MG, datam para 1982, quando houve uma parceria da Prefeitura Municipal de Sete Lagoas, Emater e o programa estadual de alimentação escolar para a implantação da



primeira horta. O surgimento ocorreu para lidar com um problema geográfico, a expansão de Sete Lagoas em termos demográficos que não veio acompanhada da geração de empregos (CARVALHO, et al.,2009). Para sanar tal demanda, foi operacionalizada por meio da criação de hortas comunitárias, com o intuito de servir como alternativa de geração de renda, bem como para o abastecimento de alimentos para a comunidade local.

No que se trata da discussão do gênero nas hortas comunitárias, é interessante observar que a conquista das mulheres na ocupação das atividades agrícolas tem aumentado significativamente. Um censo sobre o mapeamento do perfil dos produtores das hortas comunitárias realizado pela UFSJ em parceria com a Prefeitura Municipal no de 2014, aponta que 43% dos produtores atualmente são mulheres (UFSJ, 2014), o que já indica um avanço das mulheres neste setor.

No mesmo sentido, ao tratar das conquistas na percepção subjetiva das mulheres nesse espaço, observa-se nas falas das produtoras o quanto se sentem legitimadas no sentido de terem alcançado os mesmos direitos, e de não perceberem a distinção de espaço, como ocorria tempos atrás: “Antigamente existia muito preconceito, hoje nem tanto. Eu mesmo que fui à Prefeitura e fiz o meu cadastro, trabalho aqui sozinha, e não tem homem nenhum que me ajuda. [...] Os homens tiveram que baixar a cabeça, porque eles viram que as mulheres dão conta do serviço (Entrevistada 1)”. “Hoje as mulheres mandam mais que os homens. Eu não tenho vergonha, o que os homens fazem, eu também faço, porque não? Antigamente tinha desse negócio, mulher só vivia agarrada no fogão, agora não mais. Graças a Deus não vejo desigualdade aqui (Entrevistada 2).”

Vinculada à questão da conquista do espaço feminino, observa-se também na fala das entrevistadas a própria desconstrução do conceito de “sexo frágil”: “Hoje pela minha idade já enfraqueci, mas falar para você, quando eu era mais nova, não tinha inveja de homem nenhum, fazia tudo que eles faziam, porque não? Tenho dois braços e duas pernas para trabalhar... (Entrevistada 3)”. “Tem mulher que tem mais capacidade que certos homens, teve um dia que minha filha virou para mim e falou: nossa mãe, você que tinha que ser o homem aqui e meu pai ser a mulher, eu



pegava no pesado, se estragava um cano eu que arrumava, um fio de luz, até o fogão a lenha eu que fiz... (Entrevistada 4)”.

Conforme se constata nos trechos citados, é claro o avanço das mulheres em termos da percepção do sentido de trabalho. No entanto, deve-se ressaltar também, que esta conquista vem muitas vezes acompanhada de uma sobrecarga de tarefas, principalmente porque o avanço do tempo de trabalho formal, ainda não considera as atividades extras: “Não tem nada disso de que o homem é mais forte que as mulheres. Quando eu trabalhava em reflorestamento, eu capinava sete ruas e eles também, eles podem ser mais em outras coisas, mas no serviço não, porque quando eles chegam em casa vai descansar, enquanto a gente tem que tomar conta dos serviços de casa e ainda cuidar dos filhos (Entrevistada 4)”.

Se por um lado o relato mostra que a conquista em termos de sexo frágil não é um aspecto presente nos discurso das mulheres, por outro, problematiza-se inclusive o excesso de trabalho gerado, de modo que ao alcançaram a igualdade em termo de trabalho “fora de casa”, levaram também os excessos de trabalho das atividades do lar, o que mostra um complexidade principalmente neste contexto peri-urbano.

Outra questão que parecer contradizer as falas das mulheres sobre a igualdade nas hortas comunitárias, envolve as remunerações. Ou seja, ainda que grande parte das produtoras apontem que não há desigualdades nas hortas, observa-se no próprio senso quantitativo de 2014, ao comparar a renda média das mulheres e dos homens, que há diferenças nas remunerações. Enquanto a média da remuneração masculina representa 638,00 reais por mês, a renda feminina cai para 503,00 reais (UFSJ, 2014).

Se considerar que o mesmo estudo aponta para o equilíbrio entre o tempo médio de trabalho dos produtores e produtoras, os dados indicam uma desigualdade de remuneração. Em similaridade, uma única entrevistada em seu discurso parece ter captado tal tipo de desigualdade, no seguinte relato: “Tem uma menina que trabalha aqui ajudando na produção. Eles pagam a ela 35,00 reais por dia. Já os homens eles pagam 50,00 reais. Para mim ela trabalha até melhor que os homens. Mas... essa é a única desigualdade que vejo...(Entrevistada 5)”



Neste sentido, os apontamentos iniciais do presente trabalho, indicam avanços em termo da conquista das mulheres, mas também situam inclusive traços clássicos da problematização do gênero, materializada na desigualdade econômica, bem como pelo excesso de trabalho ocasionado pelas atividades extras do lar (FIÚZA, et al., 2009).

Conclusões

O presente trabalho buscou discutir a questão do gênero das hortas comunitárias de Sete Lagoas, considerando a relevância do contexto peri-urbano caracterizado pelas hortas comunitárias. Observou-se que há um avanço das mulheres neste setor, seja pelos os espaços que passaram a ocupar, seja pela percepção que adquiriram sobre o sentido do trabalho feminino.

No entanto, o próprio trabalho mostrou que ainda muito tem que ser discutido, porque a desigualdade velada neste contexto peri-urbano, é manifestada inclusive pelas distinções de rendas e excesso de trabalhos presentes nas produtoras das hortas comunitárias. Por uma questão de espaço e escopo, o trabalho contudo, não apontou para as questões da violência simbólica e física, que muitas vezes se manifestam neste contexto, e que carecem de investigações.

Referências bibliográficas:

- CARVALHO, E; TEIXEIRA, A; FRANÇA E. As hortas comunitárias urbanas de Sete Lagoas-MG. Congresso pan-americano de incentivo ao consumo de frutas e hortaliças para a promoção da saúde, 5, 2009. Anais... Brasília, 2009.
- DEL GROSSI, M; GRAZIANO, J. Novo rural: uma abordagem ilustrativa. Londrina, PR: IAPAR, 2002.
- DOULA, S, M. A formação de pós graduação e os desafios da extensão rural no brasil. In: VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, 2010.
- FIÚZIA, A, L. A extensão rural e a difusão tecnológica para as mulheres. Textos em Discussão de Extensão Rural. Viçosa: UFV, 2009.
- UFSJ. Análise do perfil socioeconômico dos produtores das hortas comunitárias de Sete Lagoas. Relatório de Pesquisa, Mimeo, 2014.